

Dicionário teológico das religiões afro-brasileiras

Dra. Maria Elise Rivas¹

A *Revista Estudos Afro-Brasileiros* é uma homenagem ao sacerdote e teólogo que fundou a primeira faculdade de teologia com ênfase nas religiões afro-brasileiras. Discutir a teologia afro-brasileira foi a principal proposta de sua vida no aspecto acadêmico. F. Rivas Neto construiu a fundação desse campo.

No atual momento, a teologia afro-brasileira precisa continuar o seu caminhar e aprofundar sua pesquisa no grande desafio que é estudar e interpretar as diversas manifestações das religiões afro-brasileiras. Tal desafio evoca a necessidade de

1. Maria Elise Rivas é sacerdotisa da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino), uma instituição religiosa afro-brasileira. Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), vice-diretora e bacharela da FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), primeira e única instituição de formação teológica afro-brasileira. Autora de diversos livros, tanto religiosos como científicos e de militância pelas religiões afro-brasileiras.

Dra. Maria Elise Rivas

apresentar conceitos e, naturalmente, surgiu a ideia de construir um dicionário teológico sob a supervisão da sacerdotisa e teóloga Maria Elise Rivas.

O dicionário a que você terá acesso busca apresentar ao longo das edições verbetes que auxiliam acadêmicos e religiosos interessados em compreender como são as “lentes” teológicas que são utilizadas para observar e discutir as religiões afro-brasileiras. A partir de uma tradição oral, o dicionário propõe algo complexo: apresentar conceitos para um campo religioso afro-brasileiro, respeitando o método científico na mesma medida em que valoriza a sabedoria tradicional do terreiro.

Teologia não é religião. Religião é definida e produzida pelo seu corpo de sacerdotes e fiéis. No caso específico das religiões afro-brasileiras, cada terreiro é soberano na constituição e construção dos seus saberes, que está centrada na figura do pai ou mãe de santo da respectiva comunidade religiosa. Tal condição reflete uma distribuição descentralizada do poder. A teologia não se preocupa em responder os anseios da fé e da crença. Isso cabe exclusivamente à experiência religiosa.

Teologia é senso crítico aplicado à religião. A teologia afro-brasileira procura interpretar os fatos e dados do seu campo religioso e construir leituras que auxiliam:

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dicionário teológico das religiões afro-brasileiras

- o leigo a ter acesso a uma visão lógica que apresenta as principais características das religiões afro-brasileiras;
- o adepto da religião a adquirir informação sobre suas práticas inseridas no conjunto afro-brasileiro; frisa-se informação, pois formação iniciática não cabe à academia, mas ao pai e mãe de santo.
- aos acadêmicos; quer sejam cientistas da religião e teólogos de outras tradições religiosas para realizar estudos de religião comparada, quer sejam pesquisadores de outras áreas científicas na constituição de um ambiente favorável ao trânsito do saber religioso para o científico valorizando o saber “desde dentro”, algo só possível na academia pela teologia afro-brasileira.

O dicionário ao apresentar os verbetes tem como intenção apresentar a pesquisa no seu estágio mais atual. O que isso quer dizer? Tal e qual os dicionários convencionais, os verbetes serão constantemente revistos e ampliados. Possuem uma estrutura lógica que resgata a etimologia do termo, quando aplicável, sua definição e aplicação.

Os verbetes são textos originais construídos por acadêmicos formados no campo com experiência e vivência religiosa

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dra. Maria Elise Rivas

afro-brasileira. A intenção dessa seleção de pesquisadores tem uma motivação. Trata-se de um esforço em dar protagonismo ao adepto da religião para falar da sua religião pelas lentes acadêmicas. Valorizar o filho e a filha, o pai e a mãe de santo, que, além da tarefa árdua de exercitar sua fé em um país tão intolerante, dedicaram suas vidas à pesquisa da sua religião.

▪

E

ESCOLAS DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Dr. João Luiz Carneiro

O termo foi cunhado pelo sacerdote e teólogo Francisco Rivas Neto (1950-2018), sendo registrado com maior detalhamento teológico em obra de nome idêntico ao verbete (cf. RIVAS NETO, 2012). O conceito de escolas pode ser associado ao fato de que as religiões afro-brasileiras se manifestam de múltiplas formas, porém possuem características que as unem. Para relacionar tantas dife-

renças rituais e dogmáticas¹ das religiões afro-brasileiras em torno de uma mesma categoria de religião, o conceito de escolas surgiu do autor F. Rivas Neto no ambiente teológico da FTU². As escolas são formadas por elementos comuns identificados nas várias formas de praticar as religiões afro-brasileiras. Esses elementos são identificados por uma análise tridimensional, conside-

1. No presente verbete, a aplicação da palavra está relacionada à parte “dura”, pouco flexível da doutrina afro-brasileira que perdura em sua história.

2. Trata-se da Faculdade de Teologia Umbandistas (FTU), primeira e única faculdade de teologia afro-brasileira descrita, em artigo específico da presente revista.

rando o tripé epistemologia, método e ética. No que diz respeito à epistemologia, entende-se o corpo de conhecimento religioso que forma sua tradição³. Os valores espirituais, a forma de enxergar o mundo (cosmovisão), os mitos que são ditos ou vivenciados formam um conjunto de exemplos sobre as características epistemológicas de uma escola. Dito de outra forma, a epistemologia é toda a sabedoria da tradição que norteia a sua

respectiva escola, bem como todos os seus desdobramentos práticos no exercício da fé. O método refere-se à iniciação e seus rituais, ou seja, a capacidade de transmitir a tradição do pai/mãe de santo à filha ou filho de santo. Ou seja, dar acesso à tradição aos demais fiéis, consulentes e clientes religiosos. Os rituais iniciáticos, ou seja, aqueles que possibilitam concretamente a capacidade de o(a) filho(a) de santo galgar compreensões mais profundas da tradição por meio de seu sacerdote ou sacerdotisa, delimitam objetivamente o método da escola. Rituais de batismo, feituas, obrigações e confirmações de santo,

3. A tradição, no contexto do presente verbete, refere-se ao conhecimento oral religioso construído e que fora transmitido ao longo do tempo por gerações.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dicionário teológico das religiões afro-brasileiras

enjuremação são exemplos de rituais iniciáticos em variadas escolas como marcos simbólicos importantes, normalmente fruto de anos de aprendizado no terreiro correspondente. As celebrações religiosas conhecidas do grande público que ocorre aos terreiros como giras umbandistas, mesas de jurema, toque de candomblé de caboclo, festas do candomblé são ritos que apresentam o método de transmissão da tradição para a comunidade expandida, não restrita aos iniciados e iniciadas da referida escola. De acordo com o tipo de ritual, o mesmo pode ser pensado em três níveis: predição, prevenção e cura

(RIVAS NETO, 2003). Todos de relevante importância na identificação da metodologia de uma escola. O jogo de búzios e os vaticínios dos ancestrais quando das consultas públicas são exemplos de predição. É a capacidade de orientar o(a) filho(a) de santo ou fiel sobre o destino antes de que ele venha a se concretizar, facilitando e propiciando os bons auspícios e tentando afastar as possibilidades de desfechos que causem infelicidade. Os rituais de atendimento público nas comunidades afro-brasileiras transitam entre práticas de prevenção e cura. A prevenção se dá quando atuam com ervas, ebós, sa-

cudimentos, banhos ou trabalhos espirituais que evitam doenças de ordem variadas. É atuação ritual para manter a homeostasia biopsicossocial. Esses mesmos rituais somados também são utilizados para curar doenças espirituais, afetivas, materiais (questões financeiras) e físicas (saúde do corpo propriamente dita). A diferença entre prevenir e remediar está no estágio do(a) adepto(a) quando ocorre ao terreiro, ou seja, o quanto da doença está manifestada ou não, e depende da sabedoria do pai ou mãe de santo na seleção do tipo de terapia espiritual, quantidades e frequência dos rituais e momento ade-

quado para sua aplicação.

A ética é um conceito histórico e multifacetado, podendo ser pensada em questões do ser, consciência e linguagem (cf. CORTINA; MARTÍNEZ, 2005). De uma maneira geral procura responder a seguinte questão: “como julgar uma ação correta?”. No contexto das escolas, a ética trata de como o indivíduo norteia sua relação com o Sagrado (Poder Divino, Orixá, Inquice, Vodun, encantados e ancestrais), com ele mesmo, com sua comunidade de santo e a humanidade de uma forma geral. Cada escola constitui uma ética específica. Dentro do tripé

das escolas, a ideia de ética pode ser aplicada na forma como o(a) adepto(a) pratica a religião no cotidiano, para além das paredes do terreiro. Ou seja, o quanto da tradição (epistemologia) ele(a) absorveu em sua iniciação (metodologia) e exercita no seu dia a dia (ética). Ao analisar o painel afro-brasileiro, F. Rivas Neto observou uma concentração dessas escolas em três grandes grupos: Candomblés, Encantarias e Umbandas. Tal constatação foi a base da estruturação de um outro conceito teológico: “núcleos duros das religiões afro-brasileiras e

zonas de diálogo”⁴. Dentro da perspectiva teológica, as escolas podem ser pensadas nesses três grandes grupos.

As escolas dos candomblés, as escolas das encantarias e as escolas das umbandas estão organizadas no seguinte quadro sinótico adaptado (CARNEIRO, 2014, p. 22):

4. Ver o verbete neste dicionário.

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

E

Núcleos duros	Características centrais	Exemplos de Escolas
Candomblés	Escolas fortemente influenciadas pelas religiões de matrizes africanas. Sua parte ritual tem como ênfase os deuses e deusas chamados de Orixás, Inquices e Voduns.	Ketu (iorubá), Angola (banto), Jeje (fon), Batuque.
Encantarias	Escolas marcadas pela presença dos Encantados. Os Encantados são seres espirituais que habitam as Encantarias ou “encantes”. Alguns desses não chegaram a encarnar. Os que viveram em terra desapareceram misteriosamente sem morrer. Vivem na memória dos que os cultuam.	Catimbó, Jurema, Pajelança, Toré, Babassuê.
Umbandas	Escolas centradas nos cultos aos ancestrais ilustres. Entendem-se por ancestrais ilustres os seres espirituais que passaram pelo ciclo da vida e da morte e alçaram uma condição de condutores de suas comunidades, fruto da sabedoria alcançada.	Omolocô, Umbanda Branca ou Cristã, Umbanda Esotérica ou Iniciática.

As escolas dos candomblés possuem suas abordagens em uma ênfase central no culto aos seus deuses e deusas africanos: Orixás, Voduns e Inquices (RIVAS NETO,

2017). Toda a sua doutrina é baseada na cosmovisão a partir desses mitos africanos e como seus pais e mães de santo exercitam e transmitem tal sabedoria aos seus filhos e filhas de santo, bem como a toda a sua comunidade. Daí surgem as escolas nas zonas de diálogos dos candomblés: ketu, angola, jeje, batuque, como alguns exemplos. As escolas das encantarias tem sua força centrada nesses ancestrais, seres encantados que habitaram a Terra, mas que misteriosamente foram para o outro lado da vida sem passar pelo fenômeno da morte. Alguns encantados não chegaram a encarnar na Terra, porém se

estabeleceram por meio do contato espiritual intenso (“acostamento”) com suas comunidades. Nesse grupo temos as escolas de Catimbó, Jurema, Babassuê, Pajelança, Cura, Terecô e Toré na zona de diálogo do respectivo núcleo duro. As escolas das umbandas são marcadas pela crença e centralidade nos ancestrais ilustres. Os mais cultuados são pretos velhos, caboclos, crianças, exus, marinheiros, boiadeiros, baianos, ciganos e malandros⁵.

5. No que pese existirem encantados que usam o nome de boiadeiros, marinheiros e malandros nas escolas das encantarias, esses seres são encantados, como explicitado. Já nas umbandas são espíritos que passaram pelo ci-

E

Destacam-se nessas escolas a macumba, umbanda cristã, omolocô, umbandaime, esotérica e oriental também localizadas na zona de diálogos umbandista. As escolas até aqui citadas foram de caráter exemplificativo. Elas estão bem próximas do seu respectivo núcleo duro. Ainda no exercício do exemplo, Ketu com Candomblés, Jurema com Encantarias, Umbanda Esotérica com Umbandas, respectivamente. Existem outras escolas que transitam pelas zonas de diálogo de maior intersecção.

clo da vida e da morte, mas adaptados aos costumes locais das regiões sul e sudeste do país.

É o caso do candomblé de caboclo, quimbanda, tambor de mina, entre outras. Tal constatação não possui nenhuma intenção de distinguir importância. Todas são igualmente essenciais para a história e existência das religiões afro-brasileiras. A “localização” conceitual das escolas nas zonas de diálogo mais próximas de um núcleo ou de outro apenas se refere ao fato de representar suas influências recebidas. Uma distinção se faz importante. Uma escola não é um terreiro. O terreiro é a comunidade afro-brasileira que pratica sua fé de acordo com as diretrizes dos seus dirigentes. Uma escola é a

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dicionário teológico das religiões afro-brasileiras

referência de epistemologia, método e ética que influencia a constituição e prática de um terreiro. Sendo assim, um terreiro pode ter influência de uma ou mais escolas. Não obrigatoriamente do mesmo núcleo duro. Ao mesmo tempo, um terreiro pode estar praticando uma experiência do sagrado sem influências claras de escolas preexistentes. Neste último caso, trata-se de uma escola que pode estar surgindo na práxis do terreiro. Essa nova escola assim poderá ser definida, se os teólogos afro-brasileiros conseguirem determinar com método científico próprio, novamente, sua epistemologia, método

e ética. A definição de uma escola e sua disseminação na prática dos terreiros não tem nenhum valor hierárquico de poder ou status. Trata-se apenas de uma categoria científica, nesse caso, teológica afro-brasileira, para melhor dar conta de interpretar a realidade. Dito de outra forma, compreender o conceito de escolas e sua aplicação no meio afro-brasileiro é ressaltar a diversidade afro-brasileira sem deixar de levar em consideração seus pontos comuns que permitem entender a história dessa religião que está em contínua construção e (re)elaboração.

N

NÚCLEOS DUROS E ZONAS DE DIÁLOGOS DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Dr. João Luiz Carneiro

O termo foi cunhado pelo sacerdote e teólogo Francisco Rivas Neto (1950-2018), sendo registrado em mídias sociais e diversos textos na internet, contudo consolidado com mais detalhamento teológico em sua obra *Teologia do ori-bará* (2015). O conceito trata de um aprofundamento de sua ideia original “escolas das religiões

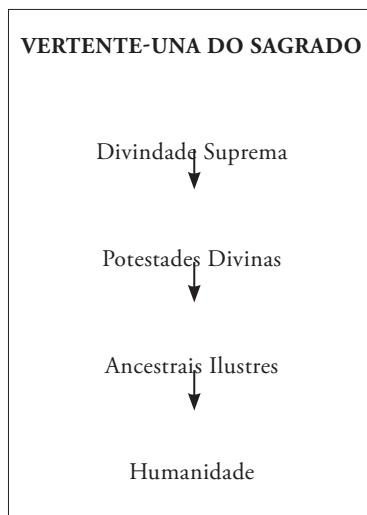
afro-brasileiras” (2012)⁶. Sendo assim, foi confeccionado pelo autor para enfrentar a seguinte problematização: como analisar a realidade religiosa afro-brasileira considerando toda a volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade⁷ do campo? Além de oferecer saídas teológicas para o tema, o conceito precisa dar conta da descentralização do poder nas religiões afro-brasileiras.

6. Para mais informações sobre o conceito de “Escolas das religiões afro-brasileiras”, ver verbete respectivo.

7. Baseado no conceito VUCA. Um acrônimo da língua inglesa que significa *volatility, uncertainty, complexity and ambiguity* utilizado vastamente por governos e setores científicos para análises sociais contemporâneas.

Não existe uma fonte única para estabelecer valores e diretrizes aos terreiros. Cada pai ou mãe de santo é soberano(a) para designar em sua comunidade a teoria e prática religiosa. Desta forma, o conceito não pode criar hierarquias axiológicas. Todas as formas de cultuar o Sagrado nas religiões afro-brasileiras são igualmente importantes. O conceito de núcleos duros e zonas de diálogos parte do princípio de que existem elementos comuns na prática religiosa afro-brasileira. Isso permite uma profícua zona de diálogo entre as diversas escolas. Contudo, existem pontos que são distintos e que marcam de forma efeti-

va as práticas como tal. Essas marcas específicas configuram e constituem o núcleo duro. Como elementos comuns, destaca-se a Vertente-Una do Sagrado⁸ (RIVAS NETO, 2015, p.



8. O conceito de Vertente-Una do Sagrado foi desenvolvido por Francisco Rivas Neto e tem como objetivo mostrar as questões comuns do

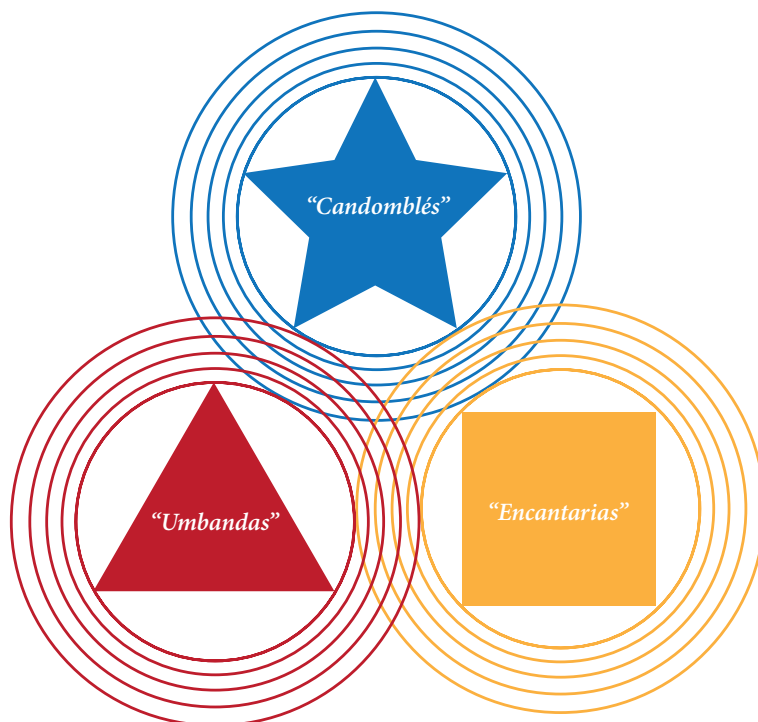
Considerando que todas as religiões afro-brasileiras possuem uma vertente de concepção e crença nas divindades comum (zonas de diálogo) e que apresentam múltiplas manifestações (escolas afro-brasileiras relacionadas ao seu respectivo núcleo duro). Além disso, as religiões afro-brasileiras possuem outros elementos comuns: transe, musicalidade sacra, uso de ervas, uso de bebidas. Quanto aos aspectos mais específicos, que formarão os núcleos duros,

destacam-se três grandes grupos: candomblés, encantarias e umbandas. Do ponto de vista conceitual, os núcleos duros são tipos ideais weberianos⁹ que foram representados, junto com a zona de diálogos, graficamente pelo autor da seguinte forma (RIVAS NETO, 2015, p. 105):

Sagrado em diversas denominações religiosas e não só nas religiões afro-brasileiras. Para mais informações, ver verbete respectivo.

9. Um tipo ideal weberiano é um conceito radical que não consegue ser visto no campo de pesquisa, mas é “desenhado” para servir como parâmetro de interpretação da realidade e não substituir a realidade propriamente dita.

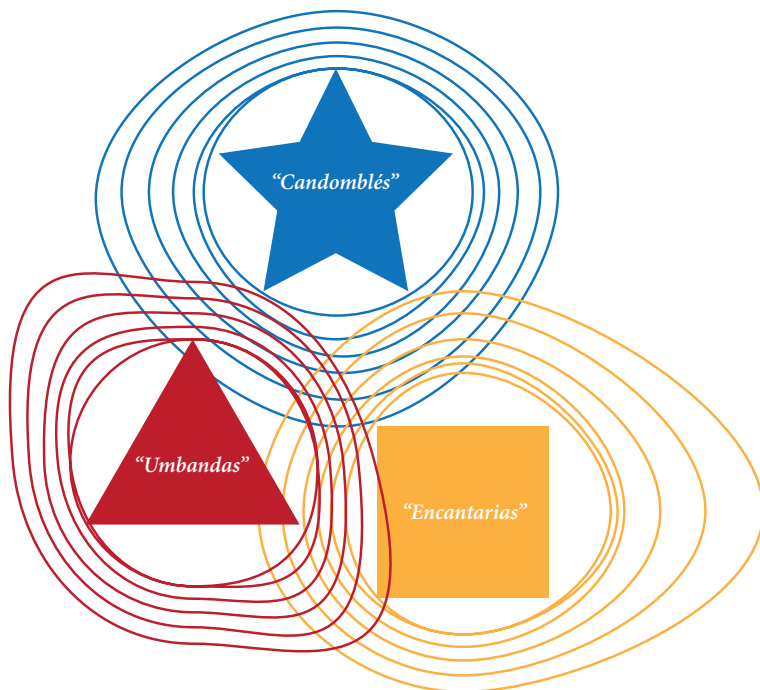
Simétrico: é pensado como ideal



Uma vez observada a realidade, ou seja, o campo religioso afro-brasileiro, as zonas de diálogo são mais fluidas, mais instáveis, permane-

cendo inalterados apenas os núcleos duros, conforme descrito pelo autor abaixo (RIVAS NETO, 2015, p. 105):

Assimétrico: é o real



As escolas afro-brasileiras estão situadas nas zonas de diálogo, pois não existe escola que seja literalmente o próprio núcleo duro. Afinal,

aceitar tal condição poderia remeter a uma ideia de purismo religioso, algo refutado totalmente pela teologia

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dicionário teológico das religiões afro-brasileiras

afro-brasileira¹⁰, principalmente ao considerar a sua tradição oral. Além disso, as escolas afro-brasileiras estão conectadas à experiência do sagrado de forma assimétrica, quando observada sua posição no gráfico e a “distância” do seu respectivo núcleo de origem e os dois outros, onde sempre existe alguma influência, por menor que seja. Tal qual a representação simbólica de exu nas religiões afro-brasileiras, a escola está em “movimento” nas zonas de diálogo sem perder a sua referência do núcleo de ori-

gem. A escola “orbita” em torno do seu núcleo duro. Os núcleos duros são, portanto, as características únicas daquele grupo que não serão observadas conceitualmente em outro lugar que não em seu próprio núcleo. São as diferenças básicas entre as três grandes vertentes afro-brasileiras: candomblés, encantarias e umbandas. As zonas de diálogo são os elementos comuns em todas as religiões afro-brasileiras que representam a região de intersecção dos 3 núcleos, por exemplo, o transe. Existem zonas de diálogo apenas entre dois núcleos, por exemplo, rituais da umbanda omolocô que estão muito

10. Para mais informações, ver verbete respectivo.

próximos da zona dos candomblés, mas que permanecem com suas características umbandistas. O desafio teológico de seguir o método científico para interpretar as religiões afro-brasileiras tem como consequência um conceito igualmente complexo. O conceito de núcleos duros possui elementos epistemológicos ideais, fixos, ao mesmo tempo em que as zonas de diálogo são exageradamente flexíveis, pois o ritmo de mudanças no campo religioso assim exige.

Diante do exposto, posicionar uma escola como do núcleo dos candomblés não significa que a mesma não influencia ou não pode rece-

ber influências das encantarias e umbandas. Apenas que seus elementos centrais estão “mais próximos” do seu núcleo de origem, os candomblés. Dentro de cada escola também será possível observar um núcleo duro e zonas de diálogos. A título de exemplo, retomando a escola de umbanda omolocô, ela possui em seu núcleo elementos que a distinguem da umbanda cristã e da umbanda esotérica. Ao mesmo tempo, possui zonas de diálogo que fazem da umbanda omolocô, cristã e esotérica pertencentes ao núcleo das umbandas. O conceito de núcleos duros e zona de diálogos foi concebido por F. Rivas Neto como

uma unidade aberta tal qual o campo religioso afro-brasileiro. Parte de uma ideia com critérios próprios e objetivos (núcleos duros) e amplia-se até uma região conceitual repleta de porias e incertezas, precisando – para tanto – flexibilizar algumas de suas nuances e manifestações (zonas de diálogo). Do ponto de vista imagético, os núcleos duros são como centros de luz própria que irradiam suas influências em todo o cenário afro-brasileiro, respeitando a diversidade.

Z

ZONAS DE DIÁLOGOS DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: ver o verbete NÚCLEOS DUROS E ZONAS DE DIÁLOGOS DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS.

Referências

- CARNEIRO, João Luiz. *Religiões afro-brasileiras: uma construção teológica*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CORTINA, Adela; MARTÍNEZ, Emilio. *Ética*. São Paulo: Loyola, 2005
- RIVAS NETO, Francisco. *Teologia do ori-bará*. São Paulo: Arché, 2015.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

RIVAS NETO, Francisco. *Escolas das religiões afro-brasileiras: tradição oral e diversidade*. São Paulo: Arché, 2012.

RIVAS NETO, Francisco. *Sacerdote, mago e médico: cura e autocura umbandista*. São Paulo: Ícone, 2003.

RIVAS NETO, Francisco. *Candomblé: teologia da saúde*. Itanhaém: Aláfia, 2017.

■